

Análise filosófica de expressões plásticas de Irley de Jesus Leal: uma estética em construção

Helânia Thomazine Porto¹
Zamith França Neto²

Resumo

O artista baiano Irley de Jesus Leal, com seus pincéis, revela detalhadamente todos os “poros e nuances” de quem ou do que se propõe pintar. Na criação de imagens que enganam as nossas percepções, apreendemos a sua energia, espiritualidade e sensibilidade; a sua estética. Por apresentar precisão na captação das imagens e na reprodução das mesmas, a sua arte tem sido classificada como *hiper-realista*. Apesar dessa classificação ser acolhida pelo artista, problematizamos sobre o *hiper-realismo* enquanto estética. Há como categorizar o conhecimento intuitivo do artista no processo de criação? A apreensão das coisas, das luzes, das formas, das pessoas e dos movimentos pelo artista pode ser considerada como um afastamento da realidade? O que tem provocado a produção artística de Irley? A compreensão da Estética de Irley foi metodologicamente construída em dois momentos, primeiramente, por meio de uma breve abordagem conceitual, ao estabelecermos aproximações com as reflexões de Platão, Aristóteles, Kant, Baumgarten, Hegel e Dufrenne e, em um segundo momento, nas análises de algumas telas que constituem as coleções “Mulheres invisíveis” apresentadas na exposição “Através dos Outros” e “Natureza” da exposição “Fragmentos da Natureza”. Assim, este texto tem por objetivo entender o devir a ser que se reflete na arte, a partir de análise da visão de mundo de quem materializa um evento cultural em expressões plásticas. Portanto, a proposta deste estudo foi refletir, no contexto das artes plásticas de Irley, sobre alguns princípios que têm orientado os modos de apreensão e de experimentação estética, em que as dimensões criativas, intuitivas, cognitivas e comunicativas impõem-se como pilares de conduta para a recepção estética, por compreendermos que a experiência estética não busca o conhecimento lógico, medido em termos do “real” ou “irreal”, da “verdade” ou “ficção”, ou ainda do “belo” ou do “feio”, defendendo, assim, a evasão da perspectiva positivista em que a reprodução fidedigna do “real” seja o aspecto apreciativo da recepção estética de expressões plásticas.

Palavras-chave: Estética; Recepção estética; Artes Plásticas; Irley de Jesus Leal.

¹ Docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: hveronez@uneb.br

² Docente dos cursos de Engenharia da Faculdade Pitágoras - Teixeira de Freitas (BA)

Abstract

Irley de Jesus Leal, artist from the state of Bahia, Brasil, with his brushes reveals in detail all the "pores and nuances" of who or what he proposes to paint. In creating images that deceive our perceptions, we apprehend their energy, spirituality and sensitivity; Its aesthetics. Because of its accuracy in capturing and reproducing images, its art has been classified as hyper-realistic. Although this classification is accepted by the artist, we problematize hyper-realism as aesthetic. Is there a way to categorize the intuitive knowledge of the artist in the process of creation? Can the apprehension of things, of lights, of forms, of people, of movements by the artist be seen as a departure from reality? What has caused Irley's artistic production? The understanding of Irley's Aesthetics was methodologically constructed in two moments, first, by means of a brief conceptual approach, when we established approximations with the reflections of Plato, Aristotle, Kant, Baumgarten, Hegel and Dufrenne and, in a second moment, in the analyzes Of some canvases that constitute the collections "Invisible Women" presented in the exhibition "Through the Others" and "Nature" of the exhibition "Fragments of Nature". Thus, this text aims to understand the becoming to be reflected in art, from the analysis of the world view of who materializes a cultural event in plastic expressions. Therefore, the purpose of this study was to reflect, in the context of the artistic arts of Irley, some principles that have guided the modes of apprehension and aesthetic experimentation, in which the creative, intuitive, cognitive and communicative dimensions impose themselves as pillars of conduct for The aesthetic reception, because we understand that aesthetic experience does not seek the logical knowledge, measured in terms of "real" or "unreal", of "truth" or "fiction", or of "beautiful" or "ugly", defending , Thus avoiding the positivist perspective in which the reliable reproduction of the "real" is the appreciative aspect of the aesthetic reception of plastic expressions.

Keywords: Aesthetics; Aesthetic reception, Plastic Arts; Irley de Jesus Leal.

1. Algumas apreensões conceituais acerca de Estética

Pode-se pensar, de modo abrangente, que Platão (427-327) foi o primeiro filósofo a refletir, com maior profundidade, acerca da *poiesis* (termo utilizado pelos filósofos que equivale à Estética, isto é, filosofia que se preocupava com o estudo da criação e produção das artes de modo geral) nas manifestações artísticas no Ocidente, especificamente na literatura, entendendo a poesia como uma forma imitativa de representar o mundo, portanto, separada da verdade divina. Platão, na obra *A república*, preocupa-se também com o espaço que a beleza ocupa entre as coisas do mundo,

considerando que na sua república utópica não cabe um recanto para os artistas. Embora o artista deva ser bem recebido, em geral, na cidade, ali não deve permanecer, sob o risco de distrair os demais de seus afazeres, devendo ser convidado, pois, a se retirar da mesma.

A sua interpretação estava amparada em sua teoria idealista, ou teoria do mundo das ideias, em que ele pressupunha a existência de um estágio anterior à materialidade – o mundo das essências ou dos universais – de que o ser humano, ao receber um corpo, guardava apenas pequena e fragmentária memória. Assim, ele usa a caverna como metáfora do corpo ao qual os homens estão condenados. As sombras projetadas na parede da caverna seriam os objetos materiais. Para o filósofo, nada mais são que cópias das ideias originais, sombras reproduzíveis através das técnicas ou das habilidades artesanais humanas.

Assim, uma obra de arte, seria um conhecimento de terceira categoria, por ser cópia da cópia da ideia original. Se o significado estaria nas coisas verdadeiras, puras e originais, então, as artes seriam vistas como cópias do real, portanto sem valor. As reflexões platônicas acerca da arte e do artista são apresentadas sob uma perspectiva negativa, pois ele nega de certo modo, a possibilidade da contemplação da arte, pois, ao observar a reprodução da cópia, os homens estariam como os agrilhoados no fundo da caverna, socializando suas ignorâncias.

Já Aristóteles (348-322), bem diferente da perspectiva de Platão, não atribuiu às manifestações artísticas com valor tão pejorativo. Para ele, a obra artística possuía valor estético, e o significado de imitação sendo entendido como possibilidades de interpretações do real.

Aristóteles entende tudo como *physis*, ou seja, natureza, sendo que o ser humano é o agente de modificação da mesma por excelência, portanto a imitação é uma atividade essencialmente humana. A verossimilhança passa a ser entendida como possibilidade de fazer referência ao mundo real e, ao mesmo tempo, de transformar e/ou criar a partir daquele modelo original sem reproduzi-lo.

Na obra *Metafísica*, o filósofo diz que toda natureza é potência, ou seja, ela é em si mesma ou pode ser, em última instância transformada em qualquer

coisa, dependendo da intervenção humana consubstanciada numa ação. A potência se apresenta enquanto matéria e os objetos em si podem ser concebidos em aspectos diversos pelo ser humano, assumindo, então, formas diversas, dependendo da intervenção humana.

Para Aristóteles (2017), ao se produzir um determinado objeto, é possível se extrair deste um substrato inteiramente subsistente, sendo o ser humano um importante agente modificador da matéria em potência, pois o imitar é congênito no homem, e é nisso que se difere dos outros viventes, pois, de todos, ele é o mais imitador e, por imitação, aprende as primeiras noções.

Ainda sobre as imitações, o referido filósofo na obra *Poética*, explica que há diferentes formas de fazê-las. As imitações “diferem, porém, umas das outras, por três aspectos: ou porque imitam por *meios diversos*, ou porque imitam *objetos diversos* ou porque não se *imitam da mesma maneira*” (ARISTÓTELES, 2017, pp. 40-41, grifo nosso). Aristóteles explicita que, ao se imitar por meios diversos, mesmo ao se utilizar um mesmo material, alcançam-se resultados diferentes. Sendo por meio deste processo o surgimento de diferentes gêneros artísticos. Assim, pela imagem, podem-se obter diferentes expressões artísticas.

Na obra a *Retórica*, no livro II, Aristóteles (2017) defende que o ser humano não é uma individualidade, mas um ser coletivo, um animal social, e que a linguagem serve ao homem para demonstrar o útil e o danoso, o justo e o injusto, por meio da análise do plano emocional na recepção do discurso – informação que trazemos para o entendimento da produção e recepção estética, uma vez que o conhecimento sensorial ou da sensibilidade não podem ser excluídos destes processos cognitivos.

Aristóteles, em seus estudos acerca da estética, inferiu que o *ser se diz de várias maneiras*. Apesar de não usar o termo estética, ao considerar que o sujeito se comunica de diversas formas, acaba por fornecer fundamentos para essa Filosofia – especificamente para a experiência estética, a colocar que a experiência acontece tanto por meio da presença do objeto estético como do sujeito que o lê, rompendo, em parte, com o idealismo platônico.

A palavra estética vem do grego *aesthesis* e foi utilizada pela primeira vez pelo filósofo alemão Alexander Baumgarten (1988; 1993) no livro

Aesthetica, entre 1750-1758, contribuindo para que o antigo ramo da Filosofia adquirisse autonomia, distinguindo-se da metafísica, da ética e da lógica. Conforme este filósofo, os criadores modificam intencionalmente a natureza ao acrescentarem suas emoções na percepção do real.

Na era moderna, a Estética é acrescida por outras reflexões, especificamente as de Kant em sua *Crítica da faculdade do juízo* (1993), ao revelar que o belo é aquilo que agrada universalmente, ainda que não possa justificá-lo e nem submetê-lo às normas e nem à práxis, pois é inerente à esfera do prazer, cuja causa reside no sujeito. Partindo dessa reflexão, ele conclui que o princípio do juízo estético é o sentimento do sujeito e não o conceito do objeto. No entanto, há um equilíbrio entre a compreensão e a imaginação, sendo este captado por qualquer indivíduo, pois as condições subjetivas da faculdade de julgar são compartilhadas por todas as pessoas. Sendo assim, não há uma ideia de belo, assim como não há regras para produzi-lo. Há objetos belos e modelos inimitáveis.

A Fenomenologia de Hegel contribuiu para o rompimento com a ideia de que há um único valor estético, passando a ser considerada a criação artística “bela”, aquela que é autêntica, conforme o seu modo de ser singular e sensível. Sendo assim, os significados das artes podem ser apreendidos por meio da experiência estética, isto é, da recepção estética. Ele elucida que o conceito de beleza muda em face de alguns aspectos, dentre eles, através do tempo. Esse devir a ser que se reflete na arte, dependente mais da cultura e da visão de mundo vigente do que de uma requisição interna do belo (HEGEL, 1993), passa a ser a tônica dos estudos da Estética.

Na contemporaneidade, a experiência estética não é assentada como um conhecimento especificamente lógico, mas como o desvelamento dos elementos constituintes da arte. Conforme aponta Dewey (2010), um dos aspectos relevantes na experimentação estética é a inteligência (sensível) empregada na percepção das relações estabelecidas entre o receptor (ativo) e o signo.

Sobre a recepção estética, Dufrenne (1953) diz que obra de arte conclama a subjetividade a ser constituída a partir do olhar livre e da abertura do leitor para com o objeto. O conteúdo particular de cada criação artística está

a serviço da compreensão, portanto, em lugar de ofuscá-la, fazendo prevalecer as inclinações valorativas, deve-se entrar no mundo aberto da arte, de acordo com as regras ditadas pela própria obra para que seus múltiplos sentidos possam surgir. Sendo assim, não se pode defender a ideia de um único valor estético a partir do qual se julgam todas as obras. Cada objeto singular tem o potencial para o estabelecimento de apreciações e de sentidos diversos.

No momento em que a Estética rompe com o ajuizamento da arte, conforme a sua aproximação ou não do “real” e com a busca do “belo”, a arte passa a ser compreendida como criação autônoma e ser apreciada conforme a autenticidade da sua proposta e de sua capacidade de falar aos sentimentos e de provocar emoções no receptor. Na recepção estética, a apreciação da arte passa a ser considerada como construtora de sentidos. Entretanto, essa prática de leitura demanda que o leitor esteja aberto a viver novas experiências, despojado de uma postura autoritária e disposto a aprender.

Ao nos colocarmos na recepção estética da produção artística de Irley de Jesus Leal, questionamos se sua arte deve ser categorizada em um único estilo e se o *hiper-realismo* dará conta de absorver a essência de sua criação. Há como categorizar o conhecimento intuitivo do artista no processo de criação? A apreensão das coisas, das luzes, das formas, das pessoas e dos movimentos pelo artista pode ser considerada como um afastamento da realidade? O que tem nos provocado as expressões plásticas de Irley?

Este texto tem como principal objetivo entender o devir a ser que se reflete na arte, a partir de análises da estética materializada nas telas de Irley, por compreendermos que a experiência estética não busca o conhecimento lógico, medido em termos do “real” ou “irreal”, da “verdade” ou “ficção” ou ainda do “belo” ou do “feio”, defendendo, assim, a evasão da perspectiva positivista em que a reprodução fidedigna do “real” seja o aspecto apreciativo da recepção estética de expressões plásticas.

2. Irley de Jesus Leal: um artista em construção

O artista plástico Irley de Jesus Leal nasceu em 01 de junho de 1970, no município de Caravelas, na Bahia, radicando-se mais tarde em Teixeira de

Freitas (Bahia). Viveu seus primeiros anos com os avós maternos, em uma propriedade na zona rural. Foi neste período que contraiu a poliomielite.

Aos dozes anos, apoiado por seus familiares que construía armazéns de madeiras com telas feitas de peças de algodão, começou a experimentar formas de expressões plásticas, pois tinha um grande interesse pelas artes. Nesse período, passou a frequentar cursos ofertados em Teixeira de Freitas, dentre esses, pinturas em tecido e em cerâmica. Dos cursos frequentados, destaca-se o de pintura em tela com a artista plástica argentina Robertina Abade, que residia em Teixeira de Freitas. Apesar dessas introduções no mundo das artes plásticas, Irley sempre se considerou um autodidata, pois nunca fez um curso de formação acadêmica na área.

No final da década de 1980, o artista é contatado pela coordenação do Movimento Sem-Terra (MST), sendo integrado às mobilizações para que pudesse registrar de forma artística os eventos dos congressos e seminários realizados pelo referido movimento. Esse envolvimento possibilitou que Irley viajasse pelo Brasil, além de conhecer personalidades que seriam determinantes no curso de sua carreira. Assim, seus primeiros trabalhos em tela passaram a ser expostos na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, especificamente no Campus X –, Teixeira de Freitas (BA), e nos diversos seminários e congressos nacionais do MST.

Em 1995, foi condecorado com a *Menção Honrosa* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na III Semana de Arte. No mesmo ano também, foi premiado com uma das principais congratulações do MST, o prêmio *Luta pela terra* pela pintura da tela “Os camponeses”. Além desses prêmios, foi condecorado com o prêmio *Pintura Realista*.

Em 2004, aconteceu a sua primeira exposição internacional, na Galeria La Gioconda no México, quando participou da exposição *Pajazes do Brazil II, com a obra* “Praia de Itaparica”. No mesmo ano, de volta ao Brasil, retomou à produção da série *Mulheres Invisíveis*, que compôs a exposição “Através dos Outros”, concluída em 2009.

A exposição *Através dos Outros* projetou o artista a nível global. Os seus trabalhos foram expostos na Europa, em países da América do Norte e do Sul e na Ásia. Destacamos as exposições em Madri (2007), Hong kong (2010),

Seul (2010), Londres (2014) e em Nova Iorque (2015). Além das exposições internacionais, apresentou suas obras em diversos estados nacionais.

Imagem 1: Irley em seu atelier, diante da tela “Orvalho”.



.Fonte: <http://irleyjesus.com.br>

3. Recepções estéticas

Por apresentar uma relação dialética entre fotografia e pintura e pela precisão na reprodução das imagens, esteticamente, o estilo de Irley tem sido classificado como *hiper-realista*. Como sabemos, o *hiper-realismo* é um movimento artístico que a princípio buscou flagrar a imagem em sua clareza objetiva. Sempre a partir do diálogo com a fotografia, almejava a representação absoluta da realidade com ênfase na fidedignidade dos elementos. Tem-se os anos de 1970 como o marco temporal de seu assentamento no mundo das artes, a princípio ligado à corrente do *Pop-Art americano* e ao lirismo quase surrealista da Europa.

A expressão *hiper-realismo* apareceu pela primeira vez como título de uma exposição organizada pela galerista belga Isy Brachot, em 1973. Naquela

época, foi colocada como sinônimo de *fotorrealismo*, sendo esse movimento associado também ao *super-realismo*, pois a fotografia era utilizada como modelo para a expressão plástica.

Como foi defendido, a obra de arte pede uma recepção que se abra para ela, sem a prévia necessidade de uma classificação, pois a recepção estética tem por finalidade o desvelamento dos constituintes do objeto, que pode ser a princípio pelo sentimento que acolhe tanto o objeto estético quanto o sujeito que o produziu, para além da observação da ação imediata, da utilidade de determinado objeto ou simplesmente dos aspectos materiais deste.

3.1 Não é uma fotografia! É uma estética que se fundamenta em outra linguagem

Para problematizarmos acerca das delicadas fronteiras entre os gêneros fotografia e arte plástica na estética do artista Irley, partiremos de algumas telas que constituem as coleções “Mulheres invisíveis” apresentadas na exposição *Através dos Outros* e “Natureza” da exposição *Fragmentos da Natureza*. A primeira coleção de telas (óleo sobre tela) pode ser lida como uma expressão criativa que buscou a “reautenticação” de imagens registradas pelo fotógrafo Dan Baron. Tanto nas fotografias quanto nas telas, as imagens das mulheres invisíveis deixam de ser anônimas. As figuras femininas registradas minuciosamente pelos artistas (fotógrafo e pintor) estão inseridas em seus contextos e, pela recepção estética, podemos apreender parte de suas cosmovisões de mulheres que deixam de ser invisíveis por meio de outras formas de olhar.

Nas duas linguagens (fotografia e arte), admitimos o potencial comunicativo de ambas e o prazer reflexivo promovido por elas, conduzindo-nos a inferir que os artistas, assim como os cientistas, partem de um problema frente ao qual elaboram respostas provisórias e abertas a futuros questionamentos. Nesse caso, cada obra supõe outras obras, e o resultado estético de uma determina a produção da outra, apesar das autonomias das linguagens e códigos.

Imagem 2: Telas: “Índia” e “Senhora na Cadeira” da coleção “Mulheres Invisíveis” – Exposição Através dos Outros



Fonte: <http://irleyjesus.com.br>

Imagem 3: Telas: “Alegria” e “Pausa” da coleção “Mulheres Invisíveis” - Exposição Através dos Outros



Fonte: <http://irleyjesus.com.br>

As análises das pinturas a partir das fotografias serviram de mote para que entrevistássemos o artista. Assim, perguntamos como ele percebia a fotografia e a pintura, e como esses objetos se constituíam esteticamente.

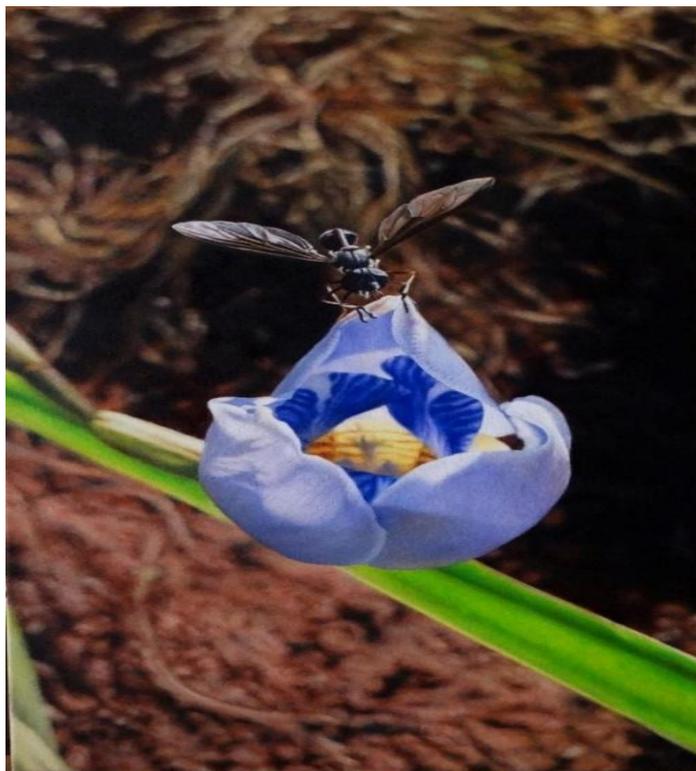
Irley explicitou que a diferença na materialização desses signos está nas minúcias de cada linguagem. E que ao pintar as imagens capturadas pela câmera fotográfica, preocupa-se com a alta definição dessa imagem em sua pintura. Por isso, realiza intervenções na reprodução da imagem, o que possibilita maior potencialidade de comunicação dos objetos representados. Para ele, estes tornam-se visivelmente palpáveis e concretos, quando há uma aproximação com a realidade, podendo a fotografia ser uma linguagem coadjuvante desse processo. Informou também que na pintura estão presentes a sensibilidade, a intuição e a emotividade de quem produziu a arte, sem ignorar que na fotografia também há a sensibilidade na captura das imagens.

Para Irley, há uma estética que se fundamenta através de outras linguagens (como a fotografia), mas que, ao ser trabalhada na tela, deixa de ser uma fotografia, pois essa é ampliada, ganhando outros contornos e nuances. O pintor, através de sua sensibilidade, atualiza a imagem registrada pelo dispositivo tecnológico, saltando a imagem fotografada para outra semelhante, mas que não é mais a mesma. Conseqüentemente, a intuição, imaginação, experimentações estéticas do artista alargam o campo do real apreendido, carregando-o de outros sentidos.

3.2. Uma estética que fundamenta nos sentimentos e emoções

O atual trabalho do artista é a coleção “Natureza” para a exposição *Fragmentos da Natureza*. Nessa produção individual, tem adotado a técnica do registro da cena com a sua máquina fotográfica. No acolhimento do evento a ser pintado, busca reunir as potencialidades comunicativas em uma imagem singular. Segundo o artista, a cena acolhida para ser pintada (em óleo sobre tela) tem que despertar sentimentos e emoções. Assim, em uma de suas telas, há o momento em que a abelha abre uma flor para levar o pólen. Uma percepção cuidadosa é colocada em evidência, em que o sentimento despertado não é o sentimento da obra em si, mas de um evento único que se revela em toda a sua poética, na atitude amorosa entre espécies diferentes.

Imagem 4: Tela “Flor Azul” da coleção “Natureza” - Exposição *Fragmentos da Natureza*



Fonte: <http://irleyjesus.com.br>

Em outra, tela tem-se a materialização do retorno do pássaro ao ninho para alimentar os seus filhotes. A reação cognitiva segundo a qual Irley traduz esse universo capturado no sítio da família se traduz em formas sensíveis de reconhecimento de certas organizações sociais nos diferentes universos. Como entendem Aranha e Martins (1993, p. 347), “o sentimento na sua função de conhecimento alcança, para além da aparência do objeto. A expressão é o poder de emitir signos e de [...] manifestar o que o objeto é para si.”

O artista, nesse sentido, não escolhe o seu meio apenas como um meio material externo e indiferente. As cores, as formas, os traçados, as sombras e os desenhos são condições de pensar o artístico, a vida, as relações e o autoconhecimento. Portanto, na arte, o sentido não pode ser duramente codificado; é a própria obra que fala e se abre ao leitor não como conhecimento acabado, mas com ambivalências e imprecisões.

Imagem 5: Tela “Pássaros” da coleção “Natureza” - Exposição *Fragmentos da Natureza*.



Fonte: <http://irleyjesus.com.br>

Podemos pensar acerca dessas expressões plásticas como uma estética de interface, em que o projeto do artista condiciona o meio e o material. Por sua vez, estes também condicionam as técnicas e o estilo. Portanto, nenhuma imagem pode ser lida como uma cópia “fiel” da realidade, pois nem a pintura nem os objetos representados são estáticos. E é todo esse conjunto que forma a linguagem da obra, seus sinais e seus sentidos.

Dentro dessa perspectiva, inferimos que a estética de Irley não se fixa nessa dualidade imposta pelos críticos, ou é real ou extrapola o real. As artes plásticas produzidas por ele devem ser entendidas como possibilidades de intensificação das experiências que se tem a partir delas, como as descobertas dos flancos invisíveis a partir do olhar sensível de quem produz e de quem recebe. “O objeto estético é, em primeiro lugar, a apoteose do sensível, e todo seu sentido é dado no sensível” (DUFRENNE, 1953, p. 471). O artista pode propor e estruturar a mensagem poética, mas são os códigos por ele eleitos e empregados que dispõem o que é da ordem do sentimento, cabendo ao receptor ou leitor essa função.

Imagem 6: Tela “Condensação” da coleção “Natureza” - Exposição *Fragmentos da Natureza*.



Fonte: <http://irleyjesus.com.br>

Sendo assim, classificar as suas obras de arte em um movimento artístico, apreendendo a sua expressão artística como uma representação objetiva do real, não faz jus à produção de sentidos estabelecidas por aqueles que interagem (contemplam) com suas telas, em que a aproximação da realidade ou do objeto representado é acrescido, transformado ou deformado a partir de diferentes pontos de vistas.

Imagem 7: Tela “Espelho” da coleção “Natureza” - Exposição “Fragmentos da Natureza”.



Fonte: <http://irleyjesus.com.br>

Nas telas que compõem a coletânea *Fragmentos da Natureza*, há intencionalmente um engajamento político e social, conforme depoimento do artista (LEAL, 2017): “Estou abordando imagens de natureza que são captadas no meu entorno, ou seja, no quintal da minha casa, e transformando essas imagens em pinturas, pois a natureza sempre me encantou, portanto tenho buscado capturar a poesia na imagem, como na luz que atravessa as folhas, as pétalas ou as gotas de chuva” [...] e por meio dessas pinturas sensibilizar os demais para o cuidado com a natureza. Uma arte engajada que é traduzida por uma estética que se fundamenta na sensibilidade, na emoção e a partir da dialética com outras linguagens.

Considerações Finais

A estética construída por Irley coloca em xeque a categorização de obras de artes em estilos, a maioria baseada em uma lógica dicotômica, em que se busca a separação entre o que real e o que não é real, o que é subjetivo e objetivo, desconsiderando que essas dimensões estão visceralmente inter-relacionadas.

No discurso do artista, há subsídios para essa possibilidade de interpretação, quando afirma: “o ângulo que consegui na captura das imagens (referindo-se as fotografias) foi surpreendente. Adentrei nos espaços sem manipular a cena, tornei-me nesses lugares invisível. Acho que a essência da fotografia está na observação invisível. Nessa invisibilidade capto a vida e, assim sigo como ela se apresenta”. (LEAL, 2017)

O artista ainda acrescenta que é por meio da arte que ele tem trabalhado a sua autoafirmação, assim também a arte tem possibilidade transcender suas limitações físicas. Pois com ela e pela arte, ele pôde se descolar de seu contexto para o mundo. “A arte é a minha grande asa. Sou grato a Deus por ter me dado mãos habilidosas e sensíveis que fazem brotar o amor através da pintura”. (LEAL, 2017).

Assim, a proposta deste estudo foi refletir, no contexto das artes plásticas de Irley, sobre alguns princípios que têm orientado os modos de apreensão e de experimentação estética, em que as dimensões criativas,

intuitivas, cognitivas e comunicativas se impõem como pilares de conduta para a recepção estética.

A explicação de que a educação para arte deve ser uma educação para a convivência com tipos diversos, por meio de um contato aberto, sem a intenção de impor um padrão e uma classificação, é bem-vinda quando se reflete sobre a Estética. Conforme observamos nas telas do artista Irley, não há simplesmente uma reprodução de fotografias e não se resume a uma forma objetiva de apreensão do mundo, como pretende o *hiper-realismo*. Há, em certa medida, uma percepção sensível de uma realidade recortada, trazida à tona em cores, nuances, luzes e formas, por um olhar amoroso.

Referências

ANDRADE, R. Gazolla de. *Platão: o cosmo, o homem e a cidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARANHA, M. L. de. A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. ver. atual. São Paulo: Moderna, 1993.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. *Poética*. Disponível em: <<http://www.eduardoguerreirolosso.com/Arist%C3%B3teles-poetica-gulbenkian-dig-c.pdf>>. Acesso em: 19 dez 2017

_____. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: tecnoprint, s.d.

_____. *Metafísica*. Disponível em: <<http://www.cle.unicamp.br/cadernos/pdf/LucasAngioni-Traducao.pdf>>. Acesso em: 14 dez 2017

BAUMGARTEN, A. G. *Esthétique, précédée des méditations philosophiques sur quelques sujets se rapportant à l'essence du poème et de la métaphysique*. Paris: L'Herne, 1988.

_____. *Estética: a lógica da arte e do poema*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DROZ, G. *Os mitos platônicos*. Brasília: Unb, 1997.

DUFRENNE, M. *Phénoménologie de l'expérience esthétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1953, 2 tomes.

HEGEL, G. W. *Estética*. Lisboa: Guimarães Editora, 1993.

KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993. Disponível em: <<http://www.eduardoguerreirolosso.com/Immanuel-Kant-critica-do-juizo.pdf>>. Acesso em: 19 jun 2017

LEAL, I. J. *Mulheres invisíveis* (Telas). Disponível em: <<http://irleyjesus.com.br/>>. Acesso em: 10 abr 2017

_____. *Natureza* (Telas). Disponível em: <<http://irleyjesus.com.br/>>. Acesso em: 07 abr 2017

PIETRE, B. *Platão – A república*: Livro VII. Brasília/São Paulo: UnB/Ática, 1989.

MONDOLFO, R. *O pensamento antigo*. São Paulo: Mestre Jou/Edusp, 1964, vol. 2.

PLATÃO. *A república*. Disponível em: <http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf>. Acesso em: 23 mar 2017.

SHILLER, F. *A educação estética do homem*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.